

ADVERTENCIAS.

A distribuição começa hoje, sexta-feira, ás 9 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

Por falta de espaço hoje ficam transferidos, para outro numero, o muito curioso artigo do Sr. *Palmeirim* o *Tumulo de uma princesa*, as uteis proposições do Sr. *Telles* sobre o *leite e o café*, a interessante carta do Sr. *Dabney*, sobre as *larrungeiras e multicautes*, as observações sobre o *Protestantismo na Ilha da Madeira*, os *Reparos ácerca do Templo de Diana em Evora*, e os *Avisos hygeenicos ás bellas etc. etc etc*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ASSUCAR DE BATARRABA.

2378 Não só na politica vão revoluções: este galvanismo intellectual, que, ha meio, seculo agita os espiritos, tem influido tambem maravilhosamente nos progressos da industria e das artes.

Hoje o fabrico do assucar de batarraba está em vespas de produzir mudanças, que hão de, pelas suas relações, contender com todas as coisas.

Em 1809, depois dos famosos editos, com que o imperador dos francezes dava um estremeção de morte ao commercio britanico, fechando os portos da Europa aos productos coloniaes d'aquella rival potentissima, representava-se em Londres u'uma estampa, muito engraçada, Napoleão a espremer com as mãos ambas, e com toda a ancia, uma batarraba n'uma chavena de ca é, que era (como todos sabem) a sua bebida predilecta. Quem se lembraria então de que d'alli a trinta annos, os plantadores das colonias francezas teriam de recorrer á metropoli, suplicando que se embargasse a terrivel e insuperavel competencia, que o assucar da Europa havia de fazer ao da America; lucta esta que já ameaça a existencia de uma das industrias mais florentes e productivas das colonias? Ainda presuppondo que se reduzissem ao minimo os direitos de importação aos assucares coloniaes, já está provado, que o assucar de canna, concorrendo com o da batarraba, havia de ficar vencido; principalmente depois dos melhoramentos, que n'esta industria se tem feito, em virtude dos quaes o despendio é já metade, e o producto duplicado.

N'uma correspondencia, publicada por Michel Chevalier, em 1838, se vê, que segundo os methodos, novamente a adoptados, se póde prescindir dos processos fastidiosos e dificeis da evaporação ordinaria com todas as suas concomitancias de sangue de boi, carvão animal, etc., e que em logar de quatro ou cinco por cento, ha certeza de se conseguirem, pelo menos, nove em menor espaço de tempo e com menor despeza. De mais, o assucar ordinario é refinado sem ser necessaria uma nova fervura, nem se quer mudar de fórmulas: sobre tudo se recommenda na dita memoria a disseccção da batarraba, por modo que se reduza, pelo meio da evaporação, que leva bastantes partes inuteis ou prejudiciaes, a cinco sextos do volume a materia prima. As experiencias, feitas perante a Academia de França, demonstram que em cem libras de batarrabas se contém dez e cinco decimos de

assucar, cinco decimos de mucilagem e quatro libras de materia fibrosa. Mr. Béraud extraiu aquelle assucar em oito minutos, por via do calor e da pressão.

— No ducado de Bade, na grande fabrica do Sr. Schutzenbach, segue-se um processo um pouco mais vagaroso, porém mais proprio para uma fabrica assim em ponto grande. Mas d'isto havemos de fallar mais miudamente em outro artigo. Póde-se dizer, que se obteve um grande resultado em poder refinar o assucar por meio da pressão em tres dias, e sem mudar de fórmulas em quanto pelo methodo ordinario são necessarias tres semanas. As investigações de um joven chimico de Tolosa promettem-nos brilhantes resultados.

Acaba elle de inventar um novo *sacharómetro*, com o qual se póde descobrir até á quinquagesima parte a materia sacharina, contida na battarraba, ou em qualquer outro vegetal.

Para outra vez daremos uma conta exacta de todas as despezas e do producto liquido d'uma fabrica de assucar de battarraba comparada com outra similhante conta de uma fabrica de assucar de canna, dada por um dos principaes plantadores da Luisiana. — Por agora limitar-nos-hemos a notar — que Portugal, pelo seu delicioso clima e pelo seu torrão, não é inferior a outro algum paiz da Europa. Que um acre de terra de boa qualidade póde muito bem dar 40000 libras de battarraba, que, á razão de nove por cento, dariam 3600 libras de assucar; sem fallar no abundante residuo que serve optimamente para estrume. Que finalmente esta nova producção, já hoje principiada a apreciar n'este reino por homens illustrados e amantes da patria, (*) poderia, dentro em alguns annos, redimir Portugal do enorme tributo, que elle está pagando, annualmente, ao Brazil, para onde (ardem as faces, escrevendo-o) tambem annualmente são transportados milhares de escravos brancos portuguezes. — L. W. Tinelli.

Inteiramente concordamos com os desejos e esperanças do Sr. Tinelli. Rogamos aos nossos leitores proprietarios de terra, e de espirito impreendedor que recordem os nossos artigos 497 — 946 — 1908 — 1985 — 2028 — 2072.

ESPARCETO.

2379 O ESPARCETO ou onobrychis, *sainfoin* dos francezes, já alguns dos nossos lavradores principiaram a cultivar-o, e pelo que d'elle lhes está mostrando a experiencia, tem, e temos nós tambem, a certeza de que nunca mais o largarão. Se a gloria da introdução pertence a outrem, a da propagação, por via da suasória, e pelo dom gratuito das sementes ninguem a disputará ao nosso amigo, Sr. HOLTREMAN, agrónomo pratico dos mais entendidos, e a quem renovamos aqui os nossos agradecimentos, por haver escolhido a nossa folha para vehiculo da boa doutrina, que havia de dar aos proprietarios de terra, innovadores e curiosos como elle. Como porém em objectos solidos e incontestavelmente uteis, seja permittido e louvavel o insistir, até que todos se achem vencidos e conven-

(*) Um dos ricos proprietarios, que tem começado a applicarse á cultura da battarraba, é o Sr. José da Silva Passos na sua quinta de Boiças. — A experiencia, que elle ahí está fazendo, é bastantemente grande, e poderá já produzir resultados satisfatorios.

cidos, vamos trasladar do *Journal des Connaissances utiles de Paris*, do seu folheto de outubro ultimo, um artigo sobre a mesma cultura, que, posto nada accrescente ao 813 do nosso jornal, servirá ao menos de despertador: e diz assim:

«O esparceto é uma d'aquellas plantas fecundas e productivas, que podem enriquecer os paizes pobres e aridos. As suas vantagens já vão sendo conhecidas; mas o seu uso não é ainda muito geral. Com o esparceto, rochas quasi nuas offerecem uma colheita para manutenção dos animaes: pelo esparceto se melhoram e podem chegar a cobrir de cereaes terrenos, aliás havidos por não bastarem para mais que para alguns productos engoiados.»

«O esparceto por ter raizes vivazes, e que penetram profundamente, insinua-se nas físgas dos rochedos e nos solos pedregosos até seis ou dez pés verticaes. O esparceto não se teme de verões abrasados. Compraz-se e acclima-se nas paragens serranas, nos plainos areentos, nos chãos mais seccoos e empedrados, principalmente sendo calcarios; ri das calmas, e faltas de chuva, por mais que umas e outras aturem, e ainda que seja nos terrenos mais seccoos e na exposição mais ardente: as grêdas puras, tão rebeldes a qualquer outra cultura, admittem e criam o esparceto. Foi elle o que mudou o aspecto, outr'ora tão triste d'aquellas partes improductivas da *Champagne*, onde o introduziram.»

«Quer verde, quer secco, o esparceto é para as manadas um alimento optimo, e ainda mais nutritivo que o trêvo e a luserna: dado em menor quantidade mantém-n'os gordos e nédios. Não ha pasto de que mais gostem os carneiros: o leite das vaccas, sustentadas a esparceto, é mais abundantes e de melhor gosto. Das sementes fazem grande apreço as galinhas, os pombos e as outras aves, e se a teem apressam mais as suas posturas.»

«Para a sementeira do esparceto deve-se lavrar bem para que as raizes, achando bem remechida a terra, penetrem melhor: a estrumação, se ha com que a fazer, deve ser antes do ultimo arar. Semêa-se na primavera ou no outono; mas na primavera é melhor porque a planta, achando-se ainda muito novinha, quando cae o inverno, padece bastante com os frios. A quantidade da semente deve ser dobrada da que se deitaria de trigo em um espaço igual: deita-se menos quando o sólo é bom ou a semente miuda: deve-se contar sempre com o que hão-de estruir os passaros e outros animaes golosos d'este grão.»

«Fazendo-se a sementeira no outono póde n'ella misturar-se centeio ou trigo: na primavera vae com avêa ou cevada.»

«No primeiro anno seria acertado não lhe metter a foice nem deitar-lhe por cima os gados: cortado ou roido n'aquelle praso, corre perigo de não rebentar, e além d'isso, as raizes, quanto mais folhas andam por fóra, a beber para ellas sustento na athmosphera, mais se robustecem. Portanto colheita só se deve contar com ella no segundo anno. A ceifa deve ser quando a herva principia a florir, deixando-a para mais tarde, fica-se com um feno muito duro. Nos paizes meridionaes fazem-se muitos córtes, mas nos que ficam para o norte só se faz um. Fallam com grandes gabos n'uma variedade de esparceto a que chamam de dois córtes, mas que provavelmente é o mesmo

esparceto ordinario com a differença de o terem feito crescer com mais rapidez por uma serie de cultivações esmeradas e dirigidas com acerto.»

«Póde o esparceto durar os seus dez annos mas pelo commum, apoz cinco ou seis, revira-se o chão que o deu e então se dá com uma terra extraordinariamente melhorada. N'este intervalo de tempo podem-se obter da mesma terra produções mais abundantes, espalhando sobre o esparceto diversos adubios. A cinza, a ferrugem da chaminé e o gesso produzem admiravel effeito; porque ao mesmo tempo que augmentam a colheita do esparceto, contribuem para tornar a terra mais creadora para a cultura que se houver de seguir. Convirá outrosim que uma ou duas vezes no correr do inverno sachem para que a terra se conchegue aos pés da planta e fique mepos impenetravel ás raizes.»

«Cultiva-se o esparceto não só com a mira no pasto que dá que é muito e bom, mas tambem na semente; quanto porém a esta devem notar que se quisessem tirar a semente de todas as vezes e mesmo todos os annos a fio, esfalfariam a planta: quasi todos os lavradores o que deixam para semente é o esparceto já velho, e os que receam que isso lhe não baste nunca a tiram do novo senão de seus dois em dois annos ou de tres em tres. Deve-se escolher com muito tento a occasião propria para a colheita; se a fizerem temporã de mais, nem toda a semente vem madura, se muito serodia, quantidade d'ella andarã já perdida. A experiencia e o bom olho do lavrador lá lhe ensinarão isto. Para evitar o mais que ser possa o esbagulhamento e perda da semente, ceifa-se de manhã cedo, e só lá sobre tarde, é que se leva para o celeiro. Aos oito dias malha-se. Para durar mais tempo a grã conserva-se dentro na sua casca, e com ella mesma se póde semear: não ha mister de a descascar senão quando se quer para deitar á criação. Emquanto jaz no seu involtorio natural atura dois ou tres annos sem ruina.»

NOVO METHODO PARA CONSERVAR OS CEREAEs.

É extraído do *Archivo Popular de 2 de dezembro*: 2380 PEGA-SE nos cereaes, no trigo principalmente, e põe-se em sacos de grossaria ou calhamasso, tendo cuidado de os encher sem os calcar demasiado. Coze-se com barbante a bôcca dos sacos, e feito isto prega-se com massa de farinha papel pardo por toda a extensão do sacco, de modo que fique completamente forrado de papel. Deixa-se secar este forro, e quando está sêcco dão-se-lhe duas demãos da mesma massa da farinha mais delgada sobre o papel; sêccas estas dão-se-lhe outras duas de verniz de essencia. Este processo deve emprender-se com preferencia nos mazes de janeiro e fevereiro, quando o tempo é frio e secco. A despeza que se faz é muito menor do que a perda causada pelos ratos, pelo gorgulho, e pelo trabalho manual para mecher, padejar, e arejar o trigo.

O calculo da despeza que faz cada sacco de seis alqueires, é a seguinte:

Massa de farinha.....	5 centesimos
Papel pardo.....	10
Verniz d'essencia.....	15
Mão d'obra.....	10
Total.....	40 centesimos

ou setenta e dois réis da nossa moeda ao cambio par, por cada sacco.

Muito folgariamos que esta receita que traduzimos de um jornal francez de agricultura, fosse experimentada, em alguma pequena porção de sacos, por algum fazendeiro, lavrador, ou negociante de cereaes, e que se nos communicasse o resultado d'ella, em proveito commum da nossa agricultura.

ADVERTENCIA.

SABEMOS que muitos leitores, sem aliás negarem o merecimento das observações meteorologicas, costumam saltar na leitura da nossa folha estes artigos, no presupposto de não recreativos nem directa nem mediatemente proveitosos: do modo porém porque o Sr. FRANZINI os escreve, com a variedade de noticias e considerações scientificas e proveitosas que lhes mistura, temos que só os muito incuriosos ou muito leigos os preferirão com ingrato silencio. No seguinte, por exemplo, ha uma lição accessivel a todos os intendimentos sobre ponto capitalissimo da felicidade publica.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE OCTUBRO DE 1843.

2381 TEMPERATURA média das madrugadas 58°,2 F. — dicta nas horas de maior calor 73°,5 — dicta média do mez 65°,8 — variação média da temperatura diurna 15°,3 — maior variação do calor diurno, a 10 do mez, 23° — maior frio a 31 do mez 48° — maior calor a 3 e 4 do mez, 83° — menor altura do barometro a 30 do mez 737,5 millimetros — maior idem a 9 do mez 763,7 — média do mez 756,4, reduzidos á temperatura de 61° F.

Ventos dominantes contados em meios dias. — N, 5 — NO, 9 — O, 2 — SO, 15 — S, 2 — NE, 12 — E, 1 — SE, 4 — B, 14 — V, 1. — estado da atmosphaera. Dias claros 15 — claros e nuvens, 2 — Cobertos 2 — Cobertos e clarões 2 — Chuva 10 — Trovoada 1 — Ventosos 4 — Calores intensos 12 — Chuva recolhida em todo o mez 80 millimetros, equivalentes a 24 almudes por braça quadrada.

Quadras dominantes foram sete: a 1.ª de 10 dias, com as madrugadas frescas, e o resto dos dias muito quentes, sol ardente, e por vezes as noites calmosas, mantendo-se a temperatura média em 71°, e portanto egual á do mez de julho; céu claro, ar muito secco, bonanças, ou pequenos ventos de E, e NE de manhã, que divergiam de tarde para o SO e NO, mui fracos: a 2.ª de 4 dias com temperatura quasi egual á antecedente, ar humido, céu coberto de manhã, e aclarando por intervalos nas tardes; ventos brandos e variaveis do NE, ao SO: a 3.ª de 2 dias, com a mesma temperatura da antecedente, ar muito humido, chuvas abundantes, e ventos moderados do S, a SO: a 4.ª de temperatura mui fresca, baixando 12 graus sobre a antecedente, frias as madrugadas e noites, céu claro, ar muito secco com ventos do NE, e N: a 5.ª de outros 4 dias de temperatura mais suave elevando-se 6° sobre a antecedente, ar tépido e humido com chuvas moderadas, bonanças, ou pequenos ventos, e o barometro elevado: a 6.ª de 2 dias frescos, baixando a sua temperatura 4° sobre a precedente, céu claro, ar secco, e bonanças: a 7.ª e ultima de 5 dias com a mesma temperatura fresca, ar humido, chuvas abundantes e ventos moderados de SO. Segue-se pois que a generalidade do mez

decorreu muito quente, excedendo a sua temperatura 5 graus á normal, sendo regularmente chuvoso, e muito bonançoso.

Phenomenos notaveis. Additamento aos de setembro.

— Em 13 d'aquelle mez um terrivel furacão devastou grande numero das povoações da *Florida*, na *America*. — Em *Port-Leon* começou a tempestade do SO pelas 11 horas da manhã, elevando-se as aguas do mar a tal ponto, que á meia noite já tinham invadido a povoação até á altura de 10 pés: todos os armazens e a maior parte das cazas foram destruidos, perecendo muitas pessoas: as perdas foram immensas. — *Phenomenos de outubro.* — Em 17 e 18 do mez reinou nas costas de *França* uma grande tempestade cauçando a perda de alguns navios entre *Dieppe* e *Bolonha*. — As copiosas chuvas que caíram nos ultimos dias d'este mez nos departamentos meridionaes da *França* fizeram trasbordar o *Rhodano* e o *Durance*, causando enormes prejuizos as inundações que se lhes seguiram. A cidade d'*Avignon* foi inundada, a importante parte de *Bellegarde* foi destruida pelo *Rhodano*, assim como o dique do mesmo rio entre *Tarascon* e *Arles*, do que se originou a total innundação das planicies de *Arles*, e *Beaucaire*. — O *Isere* e outros rios que descem dos Alpes, tambem engrossaram consideravelmente. Atribuem-se, com bons fundamentos, estes repetidos phenomenos ao imprudente corte dos bosques que povoavam as vertentes da cordilheira pelo lado da *França* — Já em outras occasiões ponderámos os inconvenientes ruinosos que resultam de tão mal avisado systema de devastação; porém como nunca serão sobejamente repetidas estas verdades accrescentaremos ao que já publicámos, que as repetidas observações, feitas em nossos tempos, provam que a devastação das mattas altera essencialmente a natureza dos climas, expondo-os ás alternativas atmosphericas, diminuindo a quantidade da chuva annual e por consequencia as fontes e mananciaes interiores da terra. — Os arvoredos guardando e aformosentando com suas frondosas sombras os cumes e encostas das montanhas, além das preciosas produções que offerecem quasi gratuitamente, purificam a atmosphaera absorvendo o gaz acido carbonico, que substituem por gaz oxygenio, ou ar vital por excellencia. As suas fortes e enlaçadas raizes seguram a terra vegetal formada pelo detrito das folhas d'essas mesmas arvores durando muitos seculos, e impedem que as aguas das chuvas adquirindo grande velocidade a precipitem sobre os valles e os rios, que entulhando seus leitões a levam por fim ao mar, formando os *deltas* nas fozes dos mesmos rios, deixando descarnadas e estereis para sempre essas montanhas outrora tão viçosas e copadas de densos arvoredos, os quaes atenuando a força dos raios do sol dão lugar a que as aguas das chuvas penetrem a terra e se aproveitem nos seus depositos internos, diminuindo ao mesmo tempo a evaporação á superficie. Esses mesmos bosques enfraquecem a força dos ventos, e atraem a humidade nocturna da atmosphaera com a qual se nutrem e prosperam, embelezando e fertilizando com a sua magestosa corpulencia, e preciosas produções, os terrenos mais estereis e desabridos.

É pois incrível como apesar de tão palpaveis beneficios, continue em Portugal o fatal systema da des-

truição dos arvoredos, existindo um rancor popular contra a mais bella producção da natureza no reino vegetal: basta lançar os olhos pelos escalvados contornos da capital para nos convenceremos d'esta triste verdade, estendendo-se já o exterminio até á romantica serra de Cintra outr'ora tão povoada de frondosos bosques, que tanto contribuiam para a abundancia de suas cristalinas águas e frescura do seu clima, que lhe grangeou uma celebridade europêa. — No Alentejo não é menos horrivel a destruição permanente que se vai fazendo nos productivos montados, principal origem da riqueza daquella provincia, abatendo-se os formosos bosques de sobros e carvalhos para se transformarem em carvão!! Nem ainda as arvores monumentaes podem escapar ao exterminio geral, e para prova d'esta asserção vou transcrever a carta que me dirigio um meu antigo e respeitavel amigo, grande proprietario n'aquella provincia:

«Reconhecendo o bem fundado interesse, que o meu amigo e compadre toma pelos grandes vegetaes, ornatos indispensaveis da superficie da terra, e medianeiros beneficos entre a atmosphera e a mesma, quando os meteoros a fecundam e regam, não posso resistir em lhe relatar um acto que acaba de ser presenciado por mim na minha volta do Alentejo. — Existia na margem esquerda do Têjo, a quem de Alvega, uma tapada de oliveiras e sobreiros; entre estes se levantava um de enorme estatura eclipsando com a sombra de sua ramosa copa um largo espaço de terreno. Nestor dos nossos bosques, talvez sendo já mancebo, vira a industriosa actividade do cultivador arabe, e os triumphos do fundador da monarchia portugueza, hoje vigoroso adulto espalhava seus fructos aos moitos sobre a terra, que em seu regaço lhe cobria os pés. Digno da veneração devida á sua magestosa corpulencia já entre os furores da guerra merecera a protecção de um general inimigo (Loison) que junto d'elle acampado lhe poz sentinellas: eu mesmo jámais allí passava que lhe não rendesse os meus tributos de admiração, conduzindo proximo do seu pé os companheiros de viagens, quando os tinha; pois, amigo, este gigante que soube atravessar tantos seculos resistindo aos homenes, e aos elementos, não pôde arrostar o vandalismo doosso; a sordida e mesquinha avaresa de levantar por uma vez os productos dos despojos mortaes d'esta grande arvore, cegaado os olhos do seu ingrato dono para não ver o muito que ella ainda havia de produzir, a derribou para fazer carvão!! Com tudo julgo não dever afirmar positivamente o que levo dito por isso que não tenho a certeza que para isso repnto necessaria, e o facto a mim mesmo parece incrivel, e por isso explicarei o que a este respeito passei. Já tinha ultrapassado o lugar aonde estava a arvore quando vi as suas companheiras por terra, virei-me procurando-a com a vista, e não a encontrei; perguntei ao almocreve por ella, e ouvi que já não existia: a pena que tal resposta me causou não permittio que voltasse a traz e entrasse na tapada a fim de fazer, se me é licito assim chamar-lhe, o corpo de delicto no mesmo lugar que por tantos seculos ella fertilison.

Ora se compararmos estes factos com o que se está praticando em um paiz que ainda denominamos barbaro, quanto será vergonhoso para nós tal contraste. O vice rei do Egypto e seu filho Ibrahim, homens extraordinarios da nossa época pelos seus raros talentos administrativos e militares, tem feito plantar no Baixo Egypto, mais de 30 milhões de arvores silvestres e fructiferas, e tal é a prodigiosa alteração que tem produzido no clima d'aquelle paiz, que depois da plantação já se contam 40 dias de chuva no decurso do anno, em uma região aonde tão raras vezes acontecia aquelle phenómeno, resultando d'esta maravilhosa alteração um maior desenvolvimento de vegetação e frescura em um clima tão secco e calmoso, o qual sómente era humedecido e fertilizado pelas aguas

do Nilo nas suas enchentes periodicas. São estes os portentosos resultados obtidos por uma intelligencia superior e decidida, cujo poder até chegou a melhorar o clima de uma tão grande extensão de paiz.

Necrologia de Lisboa e Belem. N'este mez foram sepultados, nos tres cemiterios, 680 cadaveres, sendo 397 do sexo masculino, e 283 do femenino; maiores 436, e menores 244. Excedeu portanto a mortalidade d'este mez, á de agosto, o mais funesto do anno, em mais 34 óbitos, e em 85 a que compete a outubro em anno regular, concluindo-se que fôra notavelmente insalubre o d'este anno.

M. M. Franzosi.

ANEMÓGRAPHO.

2382 FEZ-SE ha dias, (diz a *La Revue encyclopédique* de outubro) em *Roshefort* experiencia de um instrumento novo, que parece destruirá as idéas que até hoje havia acerca das causas provaveis dos ventos; fazendo que se lhes deva attribuir uma influencia inteiramente nova. Este instrumento, a que dão nome de anemógrapho, tem-se, dentro em casa, em cima de meza ou d'outro qualquer traste, debaixo de uma redôma de vidro, e sem nenhuma communição mechânica com o ar externo e assim mesmo, poucos segundos depois que o vento varia de rumo, logo o sente e com grande pontualidade vol-o indica.

Consiste esta grimpá adivinhadora em uma folhinha de páu muito delgada e de tres ou quatro polegadas de comprimento, que tendo no meio um orificio, forrada de agata, mui polida, aonde encaixa a ponta de uma hastea de aço preza ao fundo, vertical e immovel, pôde girar facilmente como uma agulha de marcar. A uma das extremidades da régua e a um terço do seu comprimento, corre uma fenda em que estão encaixados tres ou quatro imans. Estes imans são muito leves e formados de molas de relógio ordinarias, direitas e cortadas em pedaços; o seu comprimento é de uma polegada até tres. Estão pregados n'uma direcção, perpendicular ao horisonte; e por consequencia sem polaridade alguma. E tendo todos o seu polo sul, dirigido para cima da regua de páu, e o polo norte para baixo.

As observações, feitas sobre os instrumentos, construidos na officina de bussolas de *Roshefort*, mostraram sempre a parte da agulha guarnecida dos imans, representando aqui o mesmo papel que a frêcha das grimpas.

Este instrumento pôde ministrar inducções interessantes, já sobre as relações do magnetismo com a electricidade, já sobre a probabilidade que por este modo se torna muito visivel de que os ventos variaveis são devidos a correntes electricas. Mas o que poderá vir a dar-lhe a maior importancia, é que as suas indicações precedem um quarto d'hora e ás vezes meia hora, as mudanças que sobreveem na direcção dos ventos, o mesmo que faz o barometro a respeito das variações do tempo.

ESTARÁ ACHADA A DIRECÇÃO DOS BALÕES?

2383 Os leitores estarão ainda lembrados da celebre *ecarruzgem aérea*, cujo desenho se lhes deu n'esta fo ha, acompanhado das reflexões, que um erudito colaborador se dignou fazer-lhe; praticámos então o que pelo

mesmo tempo fazia em Paris, o novo jornal chamado *L'Illustration*, e o que mais tarde veio a fazer um jornal d'Hispanha, e finalmente o que primeiro que todos tinham feito os jornaes inglezes. A theoria — os principios, não foram contestados, ou foram-n'o debilmente; o maior argumento que nos lembra haver lido contra o descobrimento de Mr. Henson, foi que sendo necessario fazer precipitar a machina d'um plano inclinado, para adquirir a faculdade de elevar-se não se intendia como e porque meio se collocava esta enorme machina sobre este plano inclinado.

Como quer que fosse a invenção ingleza ou falhou nos ensaios praticos a que a submetteram, ou nem a esses teve a honra de chegar; tudo parou na mesma theoria e no privilegio. Agora porém um francez, M. Emile Giré, blasona de haver completado o grande desiderandum. Não são o leme e os remos, não são as vellas, não é o vapor que M. Emile Giré emprega no seu novo descobrimento; por meio da compressão do ar é que elle pretende dirigir o seu aerostato do occidente para o oriente e vice versa. Para obter a ascensão e o descendimento, recorre M. Emile ao gaz condensado n'um reservatorio collocado por baixo da barqueta ou cesta e tirado por uma bomba; e por este meio pensa elle que sobrecarregando ou alijando a machina á sua vontade, conseguirá fazel-a subir ou descer como lhe approuver.

A recentissima invenção de M. Emile parece baseada em factos scientificos, tidos hoje como incontestaveis, mas o seu ingenho é tão complicado e tão pesado, que se receia que não possa ser experimentada senão depois de muitas e grandes modificações. Tere-mos cuidado de informar os leitores de tudo quanto a este respeito soubermos. *Silva Leal.*

ALVITRE PARA ADVERTIR DA EXTINÇÃO DOS FOGOS.

(Communicado.)

2384 AS TORRES dão o signal de fogo; as torres devem denunciar que se acabou. O numero menor de badaladas, que as torres dão é de doze; ouvindo-as já o povo sabe que é no districto de S. Vicente; o toque de 12 até 31 badaladas indicam corresponder a outros districtos todos egualmente sabidos. Apagou-se o incendio, muito bem; a torre mais visinha que o denunciou, toque e torne a tocar por algumas vezes 7 ou 8 badaladas que sejam repetidas pelas outras. Que dúvida haverá n'isto: quem deu o primeiro signal póde dar o segundo. Esta proposição é de certo muito mais facil, que a dos artigos 510, 2328, e não póde deixar de ser adoptada em todas as cidades, mas principalmente em Lisboa que pela sua descompas-sada extensão, e pela frequencia de seus pequenos incendios de chaminés que não vão á vante, todos os dias incommoda com inuteis carreiras os agua-deiros, os artifices, as tropas, e tambem os curiosos que não faltam a taes espectaculos.

CURA DOS DAMNADOS.

(Carta.)

2385 VENDO no art.º 2306 da Revista Universal que V. se queixa de não ter recebido de parte alguma observação pratica, e experimental em abono ou desabono da receita, que um anno antes eu lhe tinha enviado, não posso deixar de agora dizer a V.,

que tendo, desde então, havido por estes sitios alguns mordidos, em nenhum dos que se me apresentaram encontrei astaes pústulas sublinguaes, nem me consta ter alguém morrido hydrophóbico.

Egualmente encontro no mesmo artigo uma receita que V. diz trasladára da Coallisão de 5 de novembro, a qual me persuado ter já lido no *Rego de Albeitaría*, e com a qual, e outras muitas, cuja publicação ommitto, nunca pessoa alguma deixou de morrer damnada, quando o virus hydrophóbico tivesse sido absorvido, desgraça que poucas vezes acontece, como eu tenho observado ha mais de 52 annos.

Para mais corroborar o methodo do Dr. *Salvatorii*, de que me sirvo desde 1821, vou expor o que escrevo o Dr. *Marochetti* sobre a Hydrophobia.

«Pelo anno de 1813 residia eu na Ukrania na qualidade de Medico de S. E. Mr. o Conde Moszensky. Em uma tarde do Outono á hora em que os camponezes voltam dos seus trabalhos, um cão grande hydrophobico, mordeu n'uma aldèa, chamada Kyawka quinze pessoas, de idade, e sexo differentes. Porque a minha habitação ficava distante d'ahi cinco verstes, só na manhã do dia seguinte é que fui informado do accidente. Passei immediatamente áquella povoação, e dispuz uma каза de sufficiente capacidade para se n'ella accommodarem todos aquelles infelizes, destinando-lhes pessoas para os guardarem, e servir. Foi então que se me apresentou uma deputação de Anciões, a pedirem-me, consentisse, que estes doentes fossem tractados por um camponez d'aquellas visinhanças, que, ha muitos annos, fazia de curar esta enfermidade a sua occupação; affirmando-me que todos elles podiam dar-me testemunho, de que n'esta provincia aquelle homem tinha salvado muitos centenares de hydrophóbicos. Eu já tinha ouvido fallar d'aquelle homem, e senti-me curioso de pessoalmente me certificar da efficacia de um meio, que parecia summamente importante para a humanidade; e de que até então eu havia procurado occasião de ser testemunha ocular.

Com este intuito, obtido o beneplacido do Senhor d'aldèa, permitti que o aldeão tractasse os doentes sob duas condicções: 1.ª que eu havia de prezenciar tudo que se fizesse; e 2.ª que para tirar toda a dúvida, de que o animal, que os havia mordido era effectivamente raivento, havia de eu tractar pelos meios da arte um dos doentes; e n'esta conformidade escolhi uma menina de seis annos de idade, á qual prescrevi, e appliquei um tractamento medico. Os demais doentes entraram logo no uso de um cozimento de giesta dos tintureiros, que foi preparado á minha vista. Passando a maior parte do tempo ao pé d'estes infelizes, era eu quem administrava á minha doente os remedios. Tambem alli se achava um cirurgião para vigiar que o aldeão nada podesse fazer na minha ausencia. Todos os dias de manhã e de tarde o aldeão examinava os doentes, cada um de per si na parte por baixo da lingua. Ao passo que se manifestavam botões m'os fazia ver, abria-os, e cauterizava-os com uma especie d'agulha grossa, em brasa. Em seguida enxaguavam os doentes a bocca com o cozimento, que, como já disse, elles tomavam interiormente. Quanto á menina de seis annos, que estava entregue aos meus cuidados, segui eu com a maior exacção e conforme com os preceitos adoptados

em casos semelhantes, o seu tractamento; mas nada pude conseguir, e ella pagou com a vida a experiencia: pela manhã do septimo dia depois do ferimento foi repentinamente assaltada dos symptomas hydrophóbicos, e 8 horas depois, no meio de accessos de uma raiva horrivel, a vi morrer.

Pelo que respeita ás outras 14 pessoas, em 12 foram os tumores abertos, e ellas se salvaram: nas duas restantes, que tinham sido as ultimas, que o cão mordeu não appareceram botões. Todas ellas usaram por seis semanas do decocto da giesta, e foram despedidas de boa saude. Tendo-me por alli demorado mais tres annos, depois que isto aconteceu, bastantes vezes eu vi os curados pelo decurso do tempo, e posso attestar em como a cura foi perfeita.»

Não escrevo a 2.^a observação, e varias reflexões por julgar desnecessarias, e serem mui extensas.

Se V. julgar fazer serviço á humanidade queira fazer publicar isto.

A. C. de M. e Queiroz.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

S. DAMAZO, PAPA PORTUGUEZ.

11 DE DEZEMBRO DE 384.

2386 No seculo sexto, tão fecundo em varões eminentes nas letras ecclesiasticas, que não houve outro que se lhe avantajasse, assentou-se na cadeira de S. Pedro um portuguez digno em tudo d'este glorioso nome, e d'aquella altissima dignidade—S. Damaso, natural de Braga

Por sua ordem, e com a sua cooperação foi que S. Jeronymo traduziu a escriptura; versão a que chamam *Vulgata* adoptada por toda a egreja romana.

Foi um papa exemplar. — E se tantissimas outras provas não houvera de que soube ser Vigario de Christo na terra, bastava o ter nivelado esta summidade da egreja com a humildade evangelica, sendo o primeiro que se confessou por *servus servorum Dei*, em todos seus decretos pontificios, o que d'então até agora se ficou usando, pelo menos como chavão. *Tullio.*

VIAGENS NA MINHA TERRA.

(Continuado de pag. 161.)

VI.

2387 O MAIS notavel, e não sei se diga, se continuarei, ao menos, a dizer o mais indisculpavel defeito que até aqui esgravataram criticos e zoilos na Illiada dos povos modernos, os immortaes *Lusiadas*, é sem duvida a heterogenea e heterodoxa mistura da theologia com a mythologia, do maravilhoso allegorico do paganismo, com os graves symbolos do Christianismo. A falar a verdade e por mais figas que a gente queira fazer ao padre José Agostinho — ainda assim! ver o padre Baccho revestido *in pontificalibus* deante de um retabulo, não me lembra de que sancto, dizendo o seu *dominus vobiscum* prova-

velmente a alguma bacchante ou corybante, que lhe responde o *et cum spiritu tuo!* não se pôde; é uma que realmente..... E então aquelle famoso conceito com que elle acaba d'gno de Phenix-Renascida.

O falso deus adora o verdadeiro!

Desde que me intendo, que leio, que admiro os *Lusiadas*; entorneço-me, choro, ensubereço-me com a maior obra de ingenho, que ainda appareceu no mundo, desde a *Divina-Comedia* até ao *Fausto*...

O italiano tinha fé em Deus, o allemão no scepticismo, o portuguez na sua patria. E' preciso crer em alguma coisa para ser grande — não só poeta — grande seja no que for. Uma Brizida velha que eutiv, quando era pequeno, era famosa chronista de historias da carochinha porque sinceramente cria em bruxas. Napoleão cria na sua estrella, Lafayette creu na republica-rei de Luiz Philippe, e para que ousemos tambem *celebrare domestica facta*, todos os nossos grandes homens ainda hoje creem, um na junta do credito, outro nas classes inactivas, outro no mestre Adonirão, outro finalmente na belleza e realidade do systema constitucional que felizmente nos rege.

Mas aquellas crenças são para os que se fizeram grandes com ellas. ; A um pobre homem o que lhe fica para crer? Eu, apesar dos criticos, ainda creio no nosso Camões: e sempre crí. E contudo desde a idade da innocencia em que tanto me divertiam aquellas batalhas, aquellas aventuras, aquellas historias d'amores, aquellas scenas todas, tão naturaes, tão bem pintadas — até esta fatal idade da experiencia, idade prosaica em que as mais bellas creações do espirito parecem macaquices deante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração chymeras de enthusiasts — até esta idade de saudades do passado e esperanças no futuro, mas sem gozos no presente em que o amor da patria (e tambem isto será phantasmagoria?) e o sentimento íntimo do *bello* me dão na leitura dos *Lusiadas* outro delecte diverso, mas não inferior ao que n'outro tempo me deram — eu senti sempre aquelle grande defeito do nosso grande poema: e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe, justificação não digo — nem sequer desculpa.

Mas até morrer aprender, diz o adagio: e assim é. E' aphorismo de moral tambem applicavel a coisas litterarias, que para a gente achar a desculpa aos defeitos alheios é considerar — e pôr-se uma pessoa nas mesmas circumstancias, vêr-se envolvido nas mesmas difficuldades. — Aqui estou eu agora dando toda a desculpa ao pobre Camões, quasi com vontade de o justificar, e prompto (assim são as charidades d'este mundo) a sair a campo de lança em reste e a quebrál-a com todo o antagonista que por aquelle fraco o atacar. — ; E porque será isto? Porque chegou a mi-

nha hora; e — *si parva licet componere magnis* (a bossa proeminente hoje é a latina) aqui me acho com este capitulo nas mesmas difficuldades em que o nosso-bardo se viu com o seu poema.

Já preveni as observações com o texto acima: bem sei quem era Camões, e quem sou eu; mas tracta-se da *intalação*, que é a mesma apesar da differença dos intalados. O auctor dos *Lusiadas* viu-se intalado entre a crença do seu paiz e as brilhantes tradições da poesia classica que tinha por mestra e modelo — Não havia ainda estes românticos, nem romantismo; o seculo estava muito atrazado, odes de Victor Hugo não tinham ainda desbancado as de Horacio, achavam-se mais lyricos e mais poeticos os esconjuros de Canidia, do que os pesadêlos de um inforcado no oratorio; chorava-se e m os *Tristes* de Ovidio, porque se não lagrimejava com as meditações de Lamartine.

Andramacha despedindo-se de Heitor ás portas de Troya, Priamo supplicante aos pés do matador de seu filho, Heilena lutando entre o remorso de seu crime e o amor de Páris, não tinham ainda sido eclipsados pelas declamações da mãe Eva ás grades do paraizo terreal. O combate de Achilles e Heitor, das hostes argivas com as troianas não tinha sido mettido n'um chinello pelas batalhas campaes dos anjos bons e dos anjos maus á metralhada por essas nuvens. Dido chorando por Eneas não tinha sido reduzida a donzella choramigas d'Alfama carpindo pelo seu *manel* que vae para a India...

Realmente o seculo estava muito atrazado: Milton não se tinha ainda sentado no lugar de Homero, Shakspeare no de Euripedes, e lord Byron acima de todos: enfim não estava ainda anglisado o mundo; por tanto a *marcha do intellecto* no mesmo terreno, é tudo uma miseria.

Ora pois, o nosso Camões creador da epopéa e — depois do Dante — da poesia moderna, viu-se atrapalhado; misturou a sua crença religiosa com o seu credo poetico e fez *tranchons le mot* — uma sensaboria. — E aqui direi eu com o vate Elmano:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu quando os cotejo.

Vou fazer outra sensaboria eu, n'este bello capitulo da minha obra prima. ; Que remedio! Preciso fallar com um illustre finado, preciso de evocar a sombra de um grande genio, que hoje habita com os mortos. ; E onde irei eu? Ao inferno? Espero que a divina justiça se apiedasse d'elle na hora dos ultimos arrependimentos. ; Ao purgatorio, ao empireo? Apesar do exemplo da *divina comedia*, não me atrevo a fazer comedias com taes logares de scena, — e não sei, não gosto de brincar com essas coisas.

Não lhe vejo remedio, senão recorrer ao bem parado dos Elysios, da Styge, do Cocyto e seu termo; são terrenos neutros em que se póde parla-

mentar com os mortos sem compromettimento serio, e....

Eis-me ahi no erro de Camões — e nas unhas dos criticos; e as zagunchadas a ferver em cima de mim, que fiz, que aconteci....

Mas, Senhores, ponderem, venham cá: ; o que ha-de um homem fazer? O Dante não sei que giria teve que baptisou Publio Virgilio Marão para lhe servir de cicerone nas regiões do inferno, do paraizo e do purgatorio christão, e teve tão boa fortuna que nem o queimou a inquisição nem o descompoz a Crusca, nem se quer o mutilaram censores, nem o perseguiram delegados por abuso de liberdade de imprensa, nem o mandaram para os dignos pares... Não se tinham ainda descoberto as mangações liberaes que se usam hoje: e as cartas que o povo tinha era a liberdade ganha e sustentada á ponta da espada, com muito coração e poucas palavras, muito patriotismo, poucas leis... e menos relatorios. Não havia em Florença nem gazeta para louvar as tolices dos ministros, nem ministros para pagar as tolices da gazeta.

O Dante foi proscripto e exilado, mas não se ficou a escrever, deu catanada que se regallou nos inimigos da liberdade da sua patria.

; Quem dera cá um batalhão de poetas como aquelle!

Que fosse porém um triste poeta de hoje escrever no seculo das luzes o que escrevia o Dante no seculo das trevas. Os proprios philosophos gritavam.

; Que escandalo! atheus professos clamavam contra a irreverencia; gentes que não tem religião, nem a de Mafoma, bradavam pela religião: entravam a pôr carapuças nas cabeças uns dos outros, cahiam depois todos sobre o poeta, e — se o não podessem inforçar pelo menos declaravam-n'o republicano, que dizem elles que é uma injuria muito grande.

; Nada! viva o nosso Camões e o seu maravilhoso mistiforio: é a mais commoda invenção d'este mundo; vou-me com ella, e ralhe a critica quanto quizer.

Quero procurar no reino das sombras não menor pessoa que o marquez, de Pombal: tenho que lhe fazer uma pergunta seria antes de chegar ao Cartaxo. E nós já vamos por entre as ricas vinhas que o circundam com uma zona de verdura e alegria. Depressa o ramo de oiro que me abra ao pensamento as portas fataes — depressa a unctuosa sopetarra com que hei-de atirar ás tres gargantas do canzarrão. Vamos...

; Mas em que districto d'aquellas regiões acharei o primeiro ministro d'el-rei D. Jose? ; Por onde está Ixion e Tantaló, por onde demora Sysipho e maganões que taes? Não: esse é um bairro muito triste, e arrisca-se a ter por administrador algum escandecido que me atice as oréllhas.

; Nos Elysios com o pae Anchises e outros barbaças classicos do mesmo jaez? Eu sei? tambem

isso não. Ha-de ser n'aquellas ilhas bem aventuradas de que falla o poeta Alceu e onde elle poz a passear por eternas verduras as almas tyrannicidas de Harmodio e Arisstogiton... Oh! esta agora!.. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, de companhia com os seus inimigos politicos!... Ahi é que se enganam; não ha amigos nem inimigos politicos em se largando o mando e as pretensões a elle. Ora passados os umbraes da eternidade, é de fé que se não pensa mais n'isso. C. J. X., que morreu a assignar uma portaria, já tinha largado a penna quando chegou allí pelos prazeres; quanto mais!..

O homem ha-de estar nas ilhas *beatas*. Vamos lá.

E ei-lo allí: lá está o bom do marquez a jogar o wist com o barão de Bidefeld, com o imperador Leopoldo e com o poeta Diniz. A partida deve de ser interessante, talvez aposta essa gente toda — esses manes todos que estão á roda. Que cara que fez o marquez a um finadinho que lhe foi metter o nariz nas cartas! ; Quem havia de ser! O intromettido de Mr. de Talleyrand. Estava-lhe cahindo. Mas não viu: o nobre marquez sempre soube esconder o seu jogo.

A mim é que elle já me viu; Que diz? Ah!.. Sim senhor, sou portuguez: e venho fazer uma pergunta a V. Ex.^a esclarecer-me sobre um ponto importante.

Deitou-me a tremenda luneta.

Para que mandou V. Ex.^a arrancar as vinhas do Riba-Téjo?

Apertou a luneta no sobrôlho e sorriu-se.

Ellas abi estão centuplicadas que até já invadiram o pinhal de Azambuja. Fez V. E.^a um despotismo inutil; e agora...

« Agora quem bebe por lá todo esse vinho? »

Não sabia o que lhe havia de responder. Elle sacudiu a cabelleira de anneis, virou-me as costas; deu o braço a Colbert, passou por pé de Smith e de J. Baptista Say que estavam a disputar, encolheu os hombros em ar de compaixão, e foi-se por uma alameda muito viçosa que ia por aquelles deliciosos jardins dentro, e sumiu-se da nossa vista.

Eu surdi cá n'este mundo e achei-me em cima da azemola ao pé do grande café do Cartaxo.

A G.

LEI DA IMPRENSA.

BREVE NOTA AO CAPITULO PRECEDENTE.

2388 O QUE dissemos na advertencia preliminar ao capitulo quinto d'esta *Viagem* nos desobriga de emittirmos e fundamentarmos o nosso parecer ácerca de cada um dos gracêjos politicos do Sr. GARRETT, e com tal desobrigação folgamos nós muito, que não trajamos nenhuma libré politica e muito menos n'esta folha. Toca porém

o auctor n'este capitulo um ponto, que, por se referir a um grande principio de direito constitucional, deve ser considerado; não o faremos extensa e analyticamente: tudo para isso nos falta; espaço, gosto, e sciencia; mas de corrida e com sincera consciencia havemos de fazel-o.

Na actual questão da imprensa nenhuma das partes disputantes nos parece ter por si toda a razão. O relatorio, pelo Governo apresentado, mal poderá a Opposição, e ainda o empenhado e grandioso talento do nosso amigo o Sr. GARRETT contrastal-o quanto aos factos, que são de rigorosa verdade, --- nem quanto aos principios, que são de inconcussa philosophia, --- nem quanto ás consequencias moraes que são deduzidas com mathematico rigor. A liberdade da imprensa é um direito inalienavel dos cidadãos; a repressão dos excessos da imprensa é outro direito tambem inalienavel da sociedade e uma sua obrigação irremissivel.

A imprensa portugueza passou de livre a licenciada. Póde-se e deve-se reprimir: as leis vigentes não bastam para isso; é necessaria uma lei nova: o governo póde propol-a; o parlamento, achando-a boa, deve approval-a.

Até aqui nada ha em que possam caber refutações ou duvidas, muito menos injurias ou improprios.

¿ Mas a lei offerecida pelo governo ao parlamento será por ventura boa? temos que não. Confessado e provado que o jury constituído era injusto, importava --- ou demitti-o de todas as causas de imprensa e não unicamente de algumas, como faz o projecto; ou, se isto era inconstitucional, reformal-o (reformat é sempre em boa philosophia preferivel ao destruir).

Para a reformação do jury havia o meio mais facil, mais natural e mais efficaz; --- era exigir-se ao cidadão, para ser jurado, além, ou em vez do censo pecuniario, legaes abonos do seu senso intellectual: o jury composto dos homens de lei, dos ecclesiasticos, dos medicos, dos mathematicos, dos philosophos, dos approvados em qualquer sciencia por uma Univeridade, pela Eschola Polytechnica, pela Aula do Commercio etc., dos professores de qualquer disciplina ou arte liberal etc., etc. etc., não se deixaria enganar, --- nem facilmente subjugaria a sua consciencia, --- nem malbarataria por iniquas sentenças o seu credito.

A substituição, que ao jury se pertende fazer, para o julgamento das injurias da imprensa contra os objectos maximos do estado, parece-

nos mal conforme á carta e á philosophia do direito. Uma camara, julgando é já muito — julgando porém em causa propria (allegue-se o que se allegar de analogias e exemplos estrangeiros) repugnará sempre ao senso intimo: — de balde se diz, que um tão respeitavel corpo e em tão solemnes actos, ha de timbrar em mostrar-se justo. Não passa isso de uma presumpção e pouco verosimil: mais depressa seria justo e até generoso o individuo offendido, sentenciando ao seu offensor, porque temeria sempre a nota de egoismo ferrenho, que nenhum dos membros de uma camara póde recear em condemnando ao inimigo da mesma camara. Ah, até a mais flagrante injustiça poderá parecer muitas vezes acto heroico e admiravel sacrificio dos sentimentos particulares ao interesse e honra da comunidade. Antes em tal caso trocar as mãos, — fazer os pares juizes das offensas contra os deputados, e, aos deputados, das offensas contra os pares, seria ainda talvez um desvio de constitucionalidade, mas não seria já infracção do eterno e fundamentalissimo principio de direito *nemini licet sibi jus dicere*.

Esperamos que estas razões: se porventura tem o peso que lhes supponmos, sejam bem aceitas pelo Governo, que notoriamente não procurou, no seu projecto, senão o bem, e pelas Camaras legislativas que, não menos ardentemente, o desejam; e que de mais a mais para emendarem a proposta que se lhes offereceu, tem a razão fortissima do seu melindre.

NÍNIVE.

2389 O consul francez em Mossoul, M. Botta, mandou para a academia das Inscriptões e Bellas-Letras de França, varios desenhos e fragmentos de esculpturas, producto das excavações, que elle tem mandado fazer no terreno onde esteve a antiga cidade de Ninive. A academia conhecendo a importancia d'este descobrimento que M. Botta lhe annunciava, seria seguido de valiosos resultados, pediu ao ministro da instrucção publica que tomasse em consideração uma tal empresa, que promettia ser do maior interesse para a sciencia archeologica. O ministro de acordo com o do reino nomeou o artista Eugenio Elandin, eleito para esta commissão pela referida academia, para continuar e ajudar os trabalhos de M. Botta. Já se esperam com impaciencia os preciosos desenhos das esculpturas, que ornavam os palacios dos principes assyrios, e de que nem suspeitas sequer tinha havido até hoje. Mais quarenta dias, — dizia o propheta, — e Ninive será subvertida; mais alguns dias, podemos nós dizer e Ninive subvertida, ressurgirá. *Silva Leal.*

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2390 Barcelona no dia 20, pela uma hora da tarde, foi entrada em virtude de capitulação, tão franca e absoluta da parte dos rendidos, como generosa e humana da parte dos vencedores. Já não ficam armas contra o governo senão as de Ametter, que se recolheu ao forte de Figueras onde Prim o tem cercado.

ACTOS OFFICIAES.

2391 *Diario do governo de 28 de novembro.* — Annuncio convidando quaesquer companhias ou particulares, que queiram encarregar-se do melhoramento da barra do Porto, a enviarem suas propostas dentro de 60 dias á secretaria do reino. Outro para a feitura de estradas mediante a concessão do imposto de barreira e portagem. Venda de fóros e pensões.

Idem de 29. — Annuncio de que S. M. recebe ao domingo das 8 ás 10 aquellas pessoas que estão nas circunstancias de gosar d'essa hora. Ordem do exercito n.º 43. Venda de bens nacionaes.

Idem de 30. — Aviso de que nas Formigas (Açores) a SE., e á distancia de quatro milhas do chamado Formigão, se descobriu um baixio com apenas onze pés e meio de fundo. Portaria ampliando o prazo porque se continuam a receber no thesoiro certos titulos de divida publica

ESTRADAS.

2392 SUAS Magestades, tendo recebido com particular affabilidade os directores da sociedade *União Commercial*, declararam que tomavam entre ambos sessenta acções na empresa das estradas pela mesma sociedade commettida. Bem deve o reino agradecer a SS. MM. esta resolução; val muito como obra, — val infinitamente como incentivo.

UM BENEFICO RESPEITADOR DO PASSADO.

2393 No meio da insensata destruição, que por toda a parte se tem feito, e deixado fazer, dos sumptuosos predios dos frades em toda a superficie do reino, sente-se de véras gratidão, quando se vê apparecer aqui ou acolá, um homem homem, que sustém na escarpa do precipicio a um d'estes edificios, depositarios das lembranças de tantos seculos, de tantos serviços, de tantas letras, de tantas virtudes, de tantas joias de artes, de tantas e tão malogradas esperanças, de tantas e tão merecidas saudades.

Raros são os homens que apparecem a fazel-o: muitos o desejariam, mas poucos ousariam arrostar-se com o escarninho epigrammatico dos arrasadores por ignorancia, e, d'entre os que o ousassem, pouquissimos teriam o oiro necessario para cumprir as obras de misericordia social para com um edificio pobre, nu, triste, desamparado, captivo em terra de infieis, mas que já foi senhoril, grandioso e principe no seu tempo. Pouquissimos dissemos e dissemos ainda muito, por que de homem, que tudo isto fizesse, além de ElRei, não soubemos por ora de outro senão de um; é o Sr. Coronel, JOÃO JOSÉ ANTUNES GAIVÃO.

Oigamos as proprias palavras, com que uma respeitavel Camara Municipal nol-o atesta:—

«A CAMARA, e mais cidadãos d'esta villa de Borda, em a Provincia do Aleméjo, abaixo assignados, attestam e com toda a veracidade o seguinte:—

«Em o termo d'esta mesma villa a distancia pouco mais de quatro centos passos, para a parte do sul, existe o célebre e memoravel convento de Nossa So-

nhora da Consolação dos Capuchos da extincta ordem da Provincia da Piedade: este convento, era mais conhecido pelo convento do Bosque, do que por aquell'outro, e isto em razão do mesmo se achar cercado de muitas e grandiosas arvores, e situado sobre uma eminencia, que por isso se torna com a vista mais encantadora e deleitavel que ser póde: diz-se célebre porque toda a sua cêrca foi tecida de muitissimas e grandiosas arvores, fructíferas e agrestes, regadas com a agua de suas quatro fontes que dentro em seus proprios muros teem seu nascimento e existencia; e sendo a mata mui densa não ha memoria que em tempo algum alli houvesse ou apparecesse bicho venenoso, ou sem o ser, que fizesse damno, ou cauvasse medo a quem por ella transitasse: diz-se memoravel pelas muitaservas medicinaes em que abunda, e de que as boticas d'este Povo, e terras vizinhas muito se estão aproveitando. Este convento do Bosque foi uma das cazas da Provincia da Piedade, onde havia religião, onde tudo era virtude, onde se respirava sanctidade, merecendo por isso que os Serenissimos Senhores Duques de Bragança alli viessem repetidas e amiudadas vezes para gozarem da companhia de tão grandes como respeitaveis varões. O Serenissimo Senhor Duque Dom Jayme foi aquelle que com todo o prazer doou para usufruirm, esta propriedade aos padres capuchos em 1505, e depois o Serenissimo Senhor Duque Dom Theodosio no anno de 1548 mandou reedificar o convento á sua custa, a fim dos mesmos padres melhor poderem exercer a sua regra, e viverem conforme o seu instituto, servindo ao mesmo tempo de muita utilidade a este Povo com os soccorros espirituaes que d'alli se exigiam.»

«Em vista d'aquella decação, e do que diz a mesma chronica da Provincia da Piedade no liv. 2.º cap. 14.º, é evidente que toda aquella propriedade é propria e pertencente á Serenissima e Real Caza de Bragança, mas no emtanto foi vendida como bens proprios da Fazenda Nacional, e comprada pelo Illm.º Coronel Reformado João José Antunes Gaivão, e pelo Illm.º Manuel Mascarenhas Zuzarte Lobo: este tendo de retirar-se para a sua caza em o Algarve, recomendou e entregou a administração de todo aquelle predio a um feitor para bem o cultivar e tractar, mas um tal feitor, esquecido do seu dever e obrigação, e aproveitando-se da ausencia de quem o havia constituido para bem desempenhar tal commissão, muito pelo contrario a executou, e assim que entrou dentro do bosque parecia levar consigo a destruição e a ruina, e sem respeito algum áquelle todo, e á conservação de tanta belleza, obra de immensos seculos, se precepita como cêgo, e começa a cortar e lançar por terra uma parte d'aquellas respeitosas e copadas arvores, que contavam muitos seculos de duração e existencia. O que então era encanto e belleza, ia tornando-se em poucos dias um lugar despovoado e triste, o que muito era sentido pelos habitantes d'este povo em consequencia de verem a derrota a que um sitio tão aprazivel estava sentenciado.»

«Chegando estes acontecimentos á noticia do Illm.º João José Antunes Gaivão que com sua familia se achava em Olivença, reino de Hispanha, distancia d'esta Villa pouco mais de cinco leguas, immediatamente se apresenta no bosque, e horrorisado do que vê e observa suspende o mando do tal feitor, e sem

perda de tempo começa na activa restauração d'aquella destruição, mandando logo levantar a grande cruz de cantaria que se achava por terra, e collocal-a immediatamente no seu antigo logar o qual faz frente ao grande e lindo terreiro que serve de entrada para o convento e cêrca. A isto seguiu-se logo serem os boqueirões do muro todos levantados e concertados, e a igreja que se achava em abandono e ruina, passou logo a ser reedificada e posta em todo o brilhantismo e aceio, collocando-se em seus altares as imagens encontradas por varios logares, e posto isto em toda a ordem foi sagrada a igreja, e no dia de São Pedro d'este mesmo anno se celebrou n'ella o sancto sacrificio da missa com toda a pompa e magnificencia possivel.»

«O terreno d'aquella encantadora cêrca desnudado de seus troncos, mas aquecido pelos raios do ardente sol que d'antes só gosava a furto e por entre ramos, parecia achar-se ainda saudoso pelo seu querido arvoredado, que por tantos seculos lhe tinha servido de companhia e abrigo; este terreno passou immediatamente a ser plantado por novas e diferentes arvores, em logar d'aquellas que lhe foram arrancadas.»

«Finalmente é ao Illm.º coronel reformado João José Antunes Gaivão, a quem o Bosque deve a sua restauração e belleza em que se acha, e os habitantes d'este povo a gloria e satisfação de verem e gosarem com a maior franqueza possivel a franca entrada n'aquelle sitio, saindo d'alli gostosos pelo bom acolhimento e bello affago com que sempre são tractados, e recebidos, tornando-se menos custosa a calçada pelos concertos que n'ella fez.»

«É porque tudo se passa na verdade attestamos o expellido. Borba, 14 de novembro de 1843. — Vice presidente, *João da Silveira Couto Panasco*. — O vereador segundo, *Barnabé Francisco*. — *Miguel Joaquim Teixeira*. — *Manuel Joaquim Secco*. — O administrador do concelho, *João da Matta Franco, Senior*. — O juiz ordinario, *José Cardoso Moniz Castello-Branco*. — O sub-delegado, *Mariano Ignacio Corrêa da Silva*. — *José Manuel de Mattos Barata e Lima*. — O commedador, *João Cardoso Moniz de Castel-Branco*. — O padre, *José Palmeiro Tenreiro*. — *Lourenço Maria Teales de Mattos*. — *José Manuel de Souza*. — *João Lamella de Moraes*. — *Joaquim Diogo Ribeiro*. — *Franciscio Antonio da Silveira e Costa*. — *Faustino José Cebolla*. — O padre, *José Carreira Villa-Lobos*. — *Antonio Vello da Silveira*.»

Para completar esta noticia curiosa pela raridade, accrescentaremos, que, depois de tão copioso dispendio, fez o Sr. GAIVÃO, por um modo inteiramente digno d'elle, a inauguração do seu ressuscitado conventinho.

A 28 de junho ultimo vespera de S. Pedro, noite de antigos tempos mui festejada pelo povo da villa, as estradas da quinta e caza garridas com arcos de verdura e resplandecentes de fogueiras e fogos de vistas, offereciam um theatro proprio aos folguêdos das turbas, que para lá accorriam de toda a parte, vingando com musicas e descantes o forçado silencio d'aquelles tectos por tantos annos.

Todas as familias decentes da terra e a sociedade philarmonica borbense, convidadas pelo obzequioso hospedeiro, concorrem com suas galas mais custosas e grande satisfação á festa, preparada com mão larga,

nas salas ricas, e vistosos quartos, em que por dentro se transformára a antiga morada da pobreza e descabelo.

Ahi se tocou e dançou como em sarau de corte; chá apparatuso, cea lauta: nada faltou e muito menos contentamento mutuo e cordeal.

Gastada assim a noite sem somno, mal que rompeu a aurora, dirigiram-se todos para o templo, que acharam remoçado e vestido de gala. O corpo da igreja estava apinhado de pessoas do povo, que toda a calmosa noite haviam levado tambem em danças e tangêres, a seu modo, pela quinta e arvoredos. Ao som das musicas da sociedade philarmonica foi celebrada no altar mor a missa (cremos que não poderia ser sem lagrimas) por um antigo morador da caza e n'ella outrora lente de theologia, então *Frei Vicente*, agora *Vicente Largo*. Fimdo o Sancto Sacrificio tornaram-se para as salas os convidados, onde já o almoço os esperava.

A necessidade de repousar de tantos gozos e agitação já por todos principiava a ser sentida. Pelas cinco horas da manhã tornou cada familia para sua caza, não se fallando pelo caminho, nem ao outro dia e nos seguintes, e ainda hoje em toda Borba e suas visinhanças de outra coisa, senão d'aquella festa a maior e mais saudosa, de que a villa se recorda; e na gratidão, que todos seus moradores tributam ao que lhes salvou a sua igreja, o seu passeio publico, um dos seus braços e grande parte do seu credito.

Consta-nos que o Sr. GAIVÃO acaba de offerecer a quinta, caza e igreja a Sua Magestade Fidellissima, que se dignou acceitar graciosamente um dom que por sua natureza não desmerecia aquella honra, e por suas recordações historicas muito mais precioso ainda se lhe devia tornar. Depois de ter salvado o convento da Piedade foi pol-o como homem providente a boa sombra, para que pelo tempo não viessem as tamanhas fadigas do restaurador a cair frustradas, como as dos frades fundadores o iam ficando.

ADVERTENCIA.

PELO nosso grande respeito, — primò á liberdade das opiniões; — secundò ao bello talento do nosso amigo o Sr. *Rebello*, deixamos passar incólumes na introdução do artigo, que segue, asserções contra os frades, que nos parecem inexactas, e sarcasmos que reputamos pouco generosos, e pouco bem cabidos para 1843.

A nossa particular opinião, contrariissima n'esta parte á d'este brilhante e admiravel escriptor, expendida e fundamentada está já em o artigo, que sobre o quadro de S. Bruno compuzemos para o 2.º numero, (proximo a publicar-se) do JORNAL DAS BELLAS ARTES.

ACADEMIA DE BELLAS-ARTES.

2394 RENASCER entre nós as boas artes: desde o reinado de D. Manuel até estes ultimos annos andaram perdidas, ou quasi esquecidas no crepusculo que ao depois se fechou em noite escura. Algum raio de luz mais viva, algum clarão radioso sulcou momentaneamente essas trevas — mas só momentaneamente: — creação legitima não a havia, era até impossivel ha-vê-la.

As causas não são de todos ignoradas, nem muito deficeis de acertar; prendem na historia na serie dos acontecimentos successivos, que deram em resultado a formula da nossa época.

Não vem agora aqui a proposito o determiná-las; fóra longo, exigira maior alcance, maiores ambitos o

estudo de cada um dos seculos, que medeiam entre o suspiro extremo da meia idade portugueza — pelo menos da sua classe mais characteristica — no cadafalso do duque de Bragança e a transformação social obrada, ou para fallar mais exactamente, completada na regeneração de 1820.

N'estas chronicas da idade media e da unidade monarchica — tirando o poeta chronista Fernão Lopes — percebe-se de espaço em espaço a influencia popular — mas de longe — a uma luz bem tenue ainda. Ha alli muita pagina em branco, que não souberam, que não quizeram encher aquelles fidalgos — monges — ou monges fidalgos, que nos fizeram a mercê de converter a historia n'um cemiterio, n'uma pia baptismal, n'um bolletim de campanha, ou n'uma taboa de numeros e datas. — Deus os illumine lá onde descançam! — boas consciencias de sangue azul tinham elles! — pouco faltou para nos darem um romanceiro real, ou titular de seis tiranetes mitrados, seis monharchas á egypcia, dois cesares á Tacito, e doze pares de Portugal á Turpin! — Bispos, abbades, e reis, condes, frades, e fidalgos, e nada de povo, nada de homens de capa, nada de *villões*! Coitados dos *villões*! Só lhe sabiam o nome para lhe sangrar a bolsa, e as veias nas cortes, e nas guerras! Quando era caça de perigo chamavam-n'os; se venciam para elles as quatro partes do leão, e para os *villões* o osso escarnado — Se perdiam, Deus nos acuda! em quanto não doia o braço ao algoz — não doia o coração a suas mercês; — o purgatorio cá o penavam n'este sancto viver os pobres populares — para o outro mundo ao menos, levavam as contas ajustadas; — justas demais. — Não, não haviam de levar!

Ora d'isto não rezam as historias — por falta de espaço já se vê! Que valiam agora dez, vinte, cem açoutes nas costellas do mofino *villão*, o seu casalzito a arder, a noiva tomada de arção, as cubas arrombadas, a adega feita um lago, para se ommittirem — por amor d'elle, e dos mais — documentos de vulto; por exemplo o muito verídico acto do Campo de Ourique, e a collecção de novellas d'aquelle frade-tipo em odes diplomaticas! d'aquelle delicioso Bernardo de Brito! Se o popular padecia deixal-o padecer! chorava o que lhe levavam roubado, pois chore que logo se ha-de callar; manteavam-no como Sancho Pança por todos os modos, não se faça parvo, entre na religião; leigo ou frade de missa, pode deitar o coração á larga, lá tem os coutos d'Alcobaça, o nectar das vinhas, os quartos, os jantares, tudo alli lhe cae do céu sem bolir pé nem mão; a chuva d'oiro de Jupiter apenas rasteja pela mortificação d'este celicio do estomago e da carne! que santa vida esta, quando todos a viviam de moiro! E ainda em cima ir á chronica! Não sei como do reino todo o masculino se não metteu frade: e freira o feminino! Valia a pena! Pois não valia?

Depois, quando os senhores aprenderam a ler e a escrever, que já era muito, fizeram chronica de si e do seu *d'elles*! Os desembargadores armaram na ordenação os regallados privilegios, que tinham, os fidalgos a novena das suas virtudes; e deram as mãos para pôrem no escuro o bom do povo; uns por vaidades de berço, os outros porque eram povo bastardo, peores do que os nobres legitimos; — tanto teimaram que só acaso, e muito acaso o triste povo nos appare-

ce, e a furto, como assustada a boa da villanagem de chegar o nariz ao reposteiro de brazão d'aquelles senhores, das excellencias philosophas!

Por isso na chronica da meia idade os monges-fidalgos riscaram o popular; — na chronica da unidade monarchica sacudiram-n'o por escrupulo de beaterio aristocrata; só o marquez de Pombal se lembrou d'elle alguma vez para o enforçar, como se lembrava dos nobres para os degolar. Aquelle marquez sempre tinha bem boa memoria! — *Pão e páu* era a sua maxima; levava o povo a *páu e corda* os nobres a *cutello*, e *armarios* infectos debaixo do chão! Homem de antes quebrar que torcer! ainda hoje por ali appellam para elle; olhem as rãs da fabala; não venha em vez do *rei madeiro*, rei que as desime!

As chronicas afora as paginas em branco trazem tambem muitas paginas de luz e muitas paginas tenebrosas. As que estão virgens pertencem ás artes, são do povo onde ellas se criam, e d'onde vem, se as favorecem; nas paginas de gloria, de que o clero e aristocracia fizeram o seu patrimonio, ha grandes contas a assentar-lhe na margem na chancellaria de agora — as tenebrosas, apparecem-nos, semelhantes aos mysterios eleusinos; é o labyrintho da côrte que se devassa por uma fresta, e deixa ver de muita distancia uma lucta subterranea; o sangue da victima que espirrou debaixo do ferro e foi repintar nos pergaminhos a traços meios apagados um tremendo facto.

Ora eis o motivo do silencio em que estão o passado *impresso* a respeito da origem e progressos das Artes entre nós; Grão Vasco é uma tradição confusa; dos seus discipulos nem memoria, porém sabemos por virgulas e pontos quando uma indigestão de dobrada levou para a vida eterna d'esta presente um cabeçudo abbade, ou um apopletico bispo dos seculos XII e XIII! Qual valia mais?

Mas deixemos por em quanto dormir o passado no seu sepulchro suspenso entre luz e trevas; virá opportuna occasião de lhe fazer um grandioso Josaphat; antes de se lhe sellar a loisa ha-de primeiro ressuscitar para a historia muitos nomes esquecidos, talvez uma sociedade inteira, que repousa. Que é do povo, onde apparece, não tem logar? Na penumbra do throno, fugiram as gerações da infancia e virilidade da monarchia, sem nos herdarem senão o reflexo de uma vã sombra no fundo do painel.

Hoje não ha já monges fidalgos, nem fidalgos chronistas, que respanssem da historia o nome dos artistas porque poderiam quebrar o espondeus da sua epopéa em prosa. Estamos, e estaremos cada vez mais atrazados em armar arvores genealogicas. Cada qual tracta de ser o *Gustavo da sua familia* como dizia a uma d'essas toupeiras de brazão que o ia fazer descender de Noé, ou pelo menos de Nemrod, o Imperador Napoleão.

Com as causas desaparecem os effeitos. Na segunda exposição triennial a Academia de Bellas-Artes de Lisboa provará a nacionaes e estrangeiros, que se entre nós as boas artes não floreceram como lá por esses reinos mais abençoados de riquezas, e fórmas sociaes tem florecido, mal lhe alborece a aurora da liberdade, mal as aquece um raio fecundo do sol da sua patria, rebentam, em formosos ramilhetes cem flores, que não são exoticas e de estufa, mas filhas do sólo natal; ás passadas de Adamastor dos nossos grandes

genios apenas falleceu terra pés: até agora a coroa, e palmas do talento se hão tornado espinhos que ferem, escarneo que mata e annulla; e a esse fado só a poucos é dado resistir. — Morrem os mais de magoa na pobreza; ao desamparo! como as plantas do herbario, do naturalista, esquecidas e desprezadas: se foram a mãos de herdeiro boçal e aldeão, morrem desintendidos!

Ao bafêjo da terra natal, no regaço da sua tão florida primavera com bem fracos auxilios a Academia-das-Bellas-Artes creou um presente, que em outra parte lhe houvéra já alcançado maior nome; e nos affiança para o diante o mais esplendido futuro.

O talento, e a constancia dos seus illustrados professores venceram as difficuldades, que cercavam ainda no berço uma instituição nova, sem grandes meios proprios, nascida no centro de um reino pobre e dilacerado. Aqui o bello céu da patria, a natureza rica e luxuriante do meio dia suppré os thesoiros; quasi que dispensa a educação artistica, que a civilização derrama por todas as classes das nações cultas e adiantadas. Val mais uma hora d'este fecundo sol para fazer desabotoar as rosas, e os matizes da imaginação, do que muitos annos nos penhaseos agrestes, ou nas geleiras do norte. Lá é tudo trabalho, força de vontade tenaz; aqui, como que desabrocham as artes espontaneamente, legitimas filhas do solo sorriem apenas brotadas, ao seio que as vivifica. Elles teem de dobrar as difficuldades; que avivar uma invenção de ordinario debil e palida, nós carecemos de refrear os rasgos, os lapsos de um ingenho ás vezes solto e livre demais para não descair no defeito contrario. Regrem-se com acertado estudo as inclinações naturaes de tanto genio esperancoso e dentro em breves annos, se lhe abrirão as fontes do bello antigo e moderno, e assim mesmo indigente como o vemos, dará o reino de Portugal mais de uma reputação gloriosa para se inscrever ao lado de outras famosas da Europa.

Exemplo e documento da verdade d'esta boa nova nos offerêce já hoje a Academia-das-Bellas-Artes na exposição que em pouco ha de fazer das suas melhores obras

O Sr. *Francisco d'Assis Rodrigues*, Professor da aula de esculptura, apresentará um grupo, representando o genio da nação Portugueza coroando a Camões — e em menor dimensão um esboceto de outro do mesmo assumpto modelado em barro. — O pensamento dos dois grupos, é o mesmo na sua concepção geral, mas diverso na fórma; na execução. — A poesia d'esta mimosa creação por si falla; orador do silencio cada grupo revê toda a eloquencia, toda a nobreza do affecto, que se traduziu, seguindo as condições da manifestação visual; prende a attenção, captiva os olhos pelo stylo gracioso e leve, pela perfeição do cinzel; convida a meditar, corridos os primeiros instantes consagrados á admiração dos sentidos; então o intellectual funde-se na fórma externa; a expressão, o sublime d'aquella idéa tão viçosa de poesia verdadeiramente portugueza, com o dedo se vae apontando no gesto, na attitude, nos accidentes — e ao sair d'esta contemplação, aquelle a quem Deus concedeu intelligencia e peito que saiba sentir, não poderá negar o *evohe pictor!* não poderá duvidar, que o ultimo canto dos Lusíadas, que um poeta dedelhou na

lyra de Camões, julgada perdida, se trasladasse da poesia dos sons, para a poesia do marmore.

Se jámais houve alma devéras amante da terra natal, que no destêro, n'amargura, e no desprezo a não renegasse nunca, foi a grande alma do cantor de Vasco da Gama; como é verdadeiro nos traços, nas feições, que nos revelam esta sancta e anciosa saudade! como debaixo dos dedos tudo se lhe repassa de cor nacional, e lhe esquecem até as reminiscencias latinas, e da sua educação classica! Camões é hoje, sempre ha-de ser a nossa gloria européa; a que respeitam, e confessam estrangeiros, e naturaes. O pensamento, de lhe cingir na fronte por mão do genio d'essa patria, que o não soccorreu vivo, que o não chorou morto, a triplice coroa de soldado, martyr, e poeta; de lhe sorrir invisivel, aerio, d'entre o luminoso da sua essencia uma consolação, que o confortasse no desamparo da sua perigrinação terrestre, recorda a poesia da tradicção na sua singella belleza.

Todavia realçando ambos em nossa humilde opinião entendemos, que o esboceto modulado em barro, excede em graça, em mimo o primeiro: e o heroico da figura de Camões, em pé, com o rosto virado ao céu, a vista acesa no vôo ardente de alto imaginar, e lyra desleixadamente descaída como se lhe discorresse pelas cordas os dedos ao acaso de uma absoluta distracção; apar do portamento viril, elegante, e brioso do poeta, aquelle anjo tão subtil no pouzar sobre a nuvem o extremo da planta, e as roupas que se entufam, que já se alteiam ao bater das azas, como se deposto o diadema, aquella visão, devesse logo perder-se no ether luminoso; n'este é a vida, no outro é ao busto, que se concede o triumpho; eis a differença: ambos os grupos, pela facilidade, delicadeza, e outras bellezas, que se admiram com prazer, que se não esquecem mais, encantam, e suspendem.

Longe d'esta memoria da nossa epopéa nacional, ainda não de todo saciados, nos atrahê para si quasi contra vontade o esbelto das fórmãs, o bem palpado da Nayade, em pedra, de oito palmos, obra do mesmo professor. As tranças soltas estão com o pezo d'agua ageitadas ao eolo gracioso; escurridas pelo seio, parecem folgar ao sopro da aragem; e forcejar por se derramarem ao vento se o podêrem; aquella attitude tão leve, aquella innocencia de virgem, que não adivinha o pudor, porque ainda não concebe o peccado, que expõe esta e descuidada o corpo gentil, os membros esbeltos; que está no ar, e no modo indicando desejo de voltar para a veia do seu lindo rio, a debater-se entre risos e feitiços nas ondas, que lhe affagam o corpo amoroso; é d'uma verdade, d'uma perfeição admiravel.

A esta doce imagem da mythologia grega succede um quadro, severo e trágico — uma scena de horror — um baixo relevo de tres palmos e meio de altura, e quatro e meio de largo: o Sr. *Francisco de Paula Araujo Cerqueira* representou o juramento que dá Viriato sobre o cadaver da filha de tomar vingança da traicção do Pretor Galba. É heroico o gesto, e heroica a attitude do pastor-capitão, que fez tremê Roma, e arrastou no pó as aguias das suas legiões. — Com a mão no peito ferido da donzella, olha entre cholérico e magoado; e no rosto as paixões todas que lá dentro lhe fervem no coração: parece Viriato amea-

çar o romano até no centro do seu capitolio, no meio do senado-rei. A idéa d'este baixo relevo é muito feliz; todo elle perfeitamente entendido e muito adequado ás situações. — Outro baixo relevo do Sr. *J. P. de Aragão* nos representa uma das scenas tão communs da nossa idade d'ouro na India. E' D. Bernardo Coutinho prendendo el-rei de Lamo na sua corte no anno de 1589. — É de curioso estudo, e boa execução. Sentimos não nos poder demorar, para fazer a cada um dos artistas a devida justiça, que lhe cabe, porém não o consente o espaço do jornal, nem o tempo, que nos insta. Para a exposição nos guardamos.

Em architectura o talento e a imaginação do Sr. *José da Costa Sequeira*, á lampada das mil e uma noites, levantou uma casa de campo no gosto gothico moderno, que seria enlevo e inveja de principes; consta o projecto de duas plantas, tres fachadas, e um corte principal; primorosamente desenhado; de uma vista e effeito maravilhoso. Tornamos a repetil-o, para ser uma realidade em Portugal, carecia d'aquella magica alampada de Aladino.

Do Sr. *Lucas José dos Sanctos* e do Sr. *Manuel Joaquim de Souza* apparecerão varias obras de merecimento; o Sr. *Lucas* dará dois projectos um de monumento dedicado á memoria do imperador D. Pedro; outro para o theatro nacional: ambos conformes com o programma publicado, e executados em tres mœzes.

O Sr. *Souza* em 1843 delineou o palacio real; a fachada principal tem 1:040 palmos, e as dos lados dos jardins 606: o edificio está só declarado pelo seu plano terreo, e planta do plano nobre; a frente principal, e a dos lados dos jardins; em esboço se acha a idéa geral do edificio, por falta de tempo e outros trabalhos tolherem maior desinvolvimento.

O Sr. *Antonio Manuel da Fonseca*, professor de pintura historica exporá o seu quadro de Enéas fugindo de Troia com seu pae.

Seria vaidade tentas descrever as bellezas, a concepção poetica, o vivissimo collorido, e sobre tudo a expressão do rosto de cada um dos personagens. Era já visto o assumpto, mas o Sr. *Fonseca* deu-lhe novidade; fel-o seu; — a attitude de Enéas, tão heroica, tão esbelta, tão rica de desenho e de collorido na primeira luz do quadro contrasta com a phisionomia do ancião, já inclinado para o sepulchro, que Enéas se figura na acção de accomodar ao hombro: os olhos de Anchises, todo o semblante respira aquelle sentimento, que a circumstancia exige; quer chorar, mas já não lhe consente a idade esse alivio de infelizes; no decair dos pés, no frouxo e debil de todo o corpo graduou admiravelmente o Sr. *Fonseca* a differença dos annos, assim como no gentil e innocente Ascanio: é natural, é exacto segundo o coração o gesto de cada figura; traduz maravilhosamente os affectos, que luctam no interior: *Creusa* já distante um pouco recorda logo, apenas vista, o seu lastimoso fim. Os rolos de fumo, ferido de scentellas vivas, que se estendem, como toldo sobre o logar da scena e ao longe declinam para já se acamarem, dão aquella atmospherã lugubre e sinistra uma verdade pasmosa.

O quadro dos ultimos instantes de Affonso de Albuquerque, — é de uma graça, de uma poesia que arrebatã: a ultima scena d'aquella vida do Hercules Portuguez é digna do pintor; e o pintor digno d'ella.

Fôra pena estragar n'uma rapida analyse tanta perfeição; depois de exposto daremos as razões da nossa opinião sincera, assim como tambem havemos de avaliar com maior estudo o magestoso quadro de *Enéas*.

O Sr. *Caetano Ayres de Andrade* escolheu um dos mais interessantes trechos da historia da restauração de 1640; o genio da liberdade, quebra os grilhões, e ao lado da duqueza Luiza de Gusmão, como que lhe inspira aquella afamada resposta, que para sempre ficou a par dos gloriosos feitos de uma época de nobres sacrificios.

Antes uma hora de rainha! do que muitos annos de vassalla — foi a resposta que decidiu do destino de Portugal, e cortou o largo hesitar de D. João IV. Na sua tēla o Sr. *Caetano Ayres* representou esta mulher de altos espiritos com um gesto, uma expressão, uma soberana magestade de Senhora e de Princeza, que realça ainda a timidez e incerteza, que se figura nos modos e semblante de D. João. — Afóra estas bellezas, sem affectação, venceu o artista uma difficuldade combinando a luz de tres diversos pontos, com harmonia e suave collorido.

Só a bella e viçosa natureza de tantos sitios formosissimos que á força de por elles se esparguicam a vista já pouco, quasi nada dasafiam a attenção; de quem os não estuda para a arte, podia na idade de setenta e mais annos produzir o lindo quadro — do *Pôr do Sol* do Sr. *Andre Monteiro*, professor de pintura de paizagem e productos naturaes.

Franqueza e correccão no desenho; imitação poetica que não resvala, em rasteira copia, que sempre nos alvoroça o coração ao nascer d'aquelles ramos tão verdes, ao quebrar d'aquella agua tão verdadeira, que reflecte no seu espelho os objectos; — ao tomar em posturas graciosas, e naturaes aquelles rebanhos que trepam a encosta; vida, sentimento, affecto, e sobre tudo invenção de ingenho novo, arrebatam n'este painel, onde tudo, desde a rustica ponte até aquelle céu puro, dourados pelos raios acafroados do sol poente, é de maravilhoso pincel.

Espadanando a fresca onda do ribeiro, por entre hortensias e boninas, engraçadamente mergulhados dois cisnes, alvos como o lyrio, innocentes como os rouxinoes, que pendem dos raminhos tenros, saudam o romper da aurora; da côr de rozas, que entreabre o botão de rubis, ao orvalho matutino, está o firmamento, que ao longe apparece por meio dos festões, e do arvoredado de uma primavera deliciosa, como são as d'esta nossa patria — é um florido abril, um perpetuo matiz de mil encontrados labores campesinos este quadro — do *Nascer do Sol* — pelo Sr. *José Francisco*, professor substituto de paizagem: graça, verdade, e certa ingenuidade do pincel, lhe prestam um mimo, uma belleza propria e original.

Consta-nos, que serão igualmente apresentadas na exposição diversas gravuras de buril conhecido e apreciado. *Luiz Augusto Rebello*.

O ELIXIR D'AMOR.

Poesia de *Felix Romani* — Musica de *Donizetti*.

2395 Esta opera com que se abriu o nosso theatro em 1834, foi pela quarta vez repetida a 26 do passado, sem contarmos o *pasticio* que d'ella ouvimos ha pouco em beneficio da primeira dama *Perelli*. Sempre en-

tre nós gostada e applaudida, a sua musica ligeira, cantavel e por vezes original, abunda em motivos muito agradaveis, e alguns trechos de grande merito. As operas d'este cunho nunca enfastiam por mais que sejam repetidas; parece-nos até mesmo um dever, fazer ouvir de vez em quando os mais famosos primores d'arte dos grandes mestres, nos differentes generos em que elles teem escripto; assim se pratica em todos os principaes theatros: de cem operas novas apenas haverá uma d'estas que não esquecem jámais, e sempre se desejam e sempre agradam.

A actual empresa, que nos tem variado os espectaculos, quanto lhe tem sido possivel, deu-nos tambem esta graciosa opera para nos deleitarmos com a recordação de seus comicos lances e engraçada musica. A opera estava mui bem *scenada* e vestida, e todos os artistas fizeram esforços por agradar, e quasi sempre o conseguiram, particularmente nos duettos de soprano e tenor, no 1.º acto, e soprano e baixo no 2.º. O Sr. *Paterni* (*Nemorino*) convenientemente collocado, satisfez com distincção a sua parte cantante, principalmente na *romanza* do 2.º acto. Tambem o côro de soprano d'este mesmo acto foi justamente applaudido. A orchestra desempenhou com muito esmero os acompanhamentos d'esta bonita partitura.

Silva Leal.

NECROLÓGIO ADMINISTRATIVO.

2396 A 5 de outubro ultimo faleceu em Loanda, o Sr. Carlos Frederico Corrêa de Lacerda, administrador da alfandega d'aquella cidade; florente em annos, em lettras, em virtudes: deixando saudades vivas n'aquella terra; vivissimas e indeleveis á sua illustre familia e a seus muitos amigos em Lisboa sua patria.

Acabou em honrada pobreza.

A inveja appressou-se de lhe fazer o seu elogio funebre, pregoando-o de ladrão aos ouvidos de sua conternada mãe e irmãos dentro nos tres primeiros dias do encerramento e nójo: — semeando as suas mentiras, não fez senão acrisolar, pelo martyrio pósthumo, o credito de quem arrojado pela fortuna para o meio de torrentes de oiro, nem se lembrou de abaixar a cabeça para beber, e saiu d'ellas mais pobre do que para lá entrara.

OS MENINOS PERDIDOS.

2397 Á CIDADE do Porto chegaram, segundo nos dizem as folhas publicas, duas damas inglezas em procura, cada uma d'ellas do seu portuguez, — que no tempo da emigração a tomára por mulher; e os quaes ambos, depois de tornados á patria, se haviam esquecido para sempre do cazamento. Lamentamos a sorte das duas pobres victimas da sua boa fé. Mas ignoravam aquellas novas *Dido* e *Ariadne*, que ha hoje em dia mais descendentes de *Theseu* e *Enéas*, — não no esforço e piedade, mas no fugir mulheres do que herdeiros da lealdade do *Magriço* e dos seus doze! O que vae de éras a éras! Na de *Orlando* iam-se os cavalleiros pelo mundo em cata de suas damas — hoje saem ellas de sua terra em busca d'elles: triste necessidade a de então, mais triste a de agora, que assim anda a natureza mais fóra de seus eixos. Desde que o sexo, que havia de seguir e conquistar o outro, porque era o mais forte, se lançou

todo na politica, na agiotagem, na ambição e na avareza, o sexo mais debil, o que a natureza fadou com as graças para ser buscado e seguido não tem remedio senão resolver-se a solicitar. Mas fallando sisudamente; quem dirá que ás mulheres se está dando na hodierna sociedade européa, a attenção, o respeito, nem ainda o affecto, que indubitavelmente são devidos?

O culto feminil, como o culto religioso, ha-de voltar, solemne e magnifico, mas ha-de ser quando as exagerações fanaticas dos interesses materiaes e das liberdades politicas houverem passado. O lugar de todas outras coisas boas anda hoje, e sem que o percebamos, usurpado por estas duas.

MAPPA

Dos doentes curados, ou melhorados, e fallecidos no mez de Agosto de 1843 no Hospital Nacional de S. José de Lisboa, pelo Socio effectivo o Sr. A. B. Ribeiro Vianna, cirurgião do mesmo Hospital.

2398

Nomes das molestias.	Total de cada uma	Edades dos Enfer.				Curad. ou melhor.	Fallecidos.
		Até 20 annos	21 a 40	41 a 60	61 a 80		
Abscessos.....	6		3	3		6	
Alienações mentaes.....	18	5	6	6	1	13	5
Amauroses.....	1		1			1	
Anasarcas.....	14		3	7	4	4	10
Aneurismas das arterias..	3		2	1		1	2
Anginas.....	1			1		1	
Apertos d'urethra.....	4		3		1	3	1
Apoplexias.....	18		2	10	6		18
Ascites.....	5		1	2	2		5
Asthmas.....	2		1	1		2	
Bexigas.....	1		1			1	
Bronchites.....	50	5	13	17	15	42	8
Cachexias.....	5		1		4		5
Cancro na face.....	1			1			1
Cholera-morbus.....	1		1				1
" sporadica.....	3		1	2			3
Colicas.....	1		1			1	
Colites.....	49	1	9	25	14	20	29
Commoções cerebraes...	1			1		1	
Contusões.....	26	5	4	8	9	23	3
Cystites.....	1	1				1	
Deslocações do humero..	1			1		1	
Doenças indeterminadas.	45	8	18	16	3	41	4
Enterites.....	5	1	2	2		3	2
Entorses.....	2		1	1		2	
Epilepsias.....	2			1	1	2	
Erupções cutaneas.....	22	7	5	7	3	22	
Erysipelas.....	10	2	3	2	3	10	
Escarlatinas.....	2	1	1			2	
Febres intermitentes....	153	34	83	25	11	150	3
Febres tyfoides.....	12	1	4	5	2		12
Feridas contusas.....	8	3	3	1	1	8	
" incisas.....	7	1	3	3		6	1
Fistulas estercoraes....	2		1	1		2	
Fleimões.....	3	1	1	1		3	
Fracturas diversas.....	9		5	1	3	9	
Furunculos.....	4	1	2	1		4	
Fymoses.....	6	1	5			6	
Gastrites.....	103	18	55	22	8	99	4
Somma e segue..	607	96	245	175	191	490	117

Nomes das molestias.	Total de cada uma	Edades dos Enfer.				Curad. ou melhor.	Fallecidos.
		Até 20 annos	21 a 40	41 a 60	61 a 80		
Transporte.....	607	96	245	175	191	490	117
Gastro-encephalites.....	1		1			1	
" enterites.....	31	5	19	6	1	26	5
Hemiplegias.....	9	3	3	3		5	4
Hemoptises.....	2		2				2
Hemorrhoidas.....	1			1		1	
Hepatitis.....	8		5	2	1	6	2
Hernias.....	3	1	2			3	
Hydroceis.....	3	1	2			3	
Inflammações diversas..	3		3			3	
Lesões do coração.....	7		2	5		4	3
Lumbagos.....	14	5	6	2	1	14	
Metrites.....	1	1				1	
Myelites.....	2		2			2	
Nephritis.....	2		1	1		2	
Ophthalmias.....	12	1	5	6		12	
Otites.....	1		1			1	
Panaricios.....	2		1	1		2	
Paraplegias.....	4		1	1	1	4	
Partos.....	16	1	15			16	
Peritonites.....	1		1			1	
Pleurizes.....	5	1	1	3		4	1
Pleurodynias.....	3		1	2		3	
Pneumonias.....	34	3	8	19	4	29	5
Queimaduras.....	2		2			2	
Retenções d'urina.....	6	1	2	1	2	5	1
Rheumatismos.....	53	10	17	19	7	51	2
Sarnas.....	6	3		1	2	5	1
Scirrho no estomago....	1			1		1	
" na face.....	1			1		1	
Splenites.....	3		3			3	
Syphilis primitiva.....	99	19	75	5		99	
" secundaria.....	25	1	19	5		25	
Tisica pulmonar.....	9	2	5	2			9
Tumores brancos.....	2		1	1		2	
" enkistados.....	4		4			4	
Typhos.....	8	1	3	3	1		8
Ulceras.....	93	9	39	32	13	92	1
Somma total.....	1084	164	497	293	125	921	163

MINAS.

2399 «No CONCELHO de Borba, ao norte da villa «da mesma denominação, em o sitio do Rocio de cima, terreno concelhio, aonde costumam fazer-se de «bulhas de generos cereaes, foi explorada em o anno de 1832 uma mina, da qual se extraiu uma «amostra de mineral; e sendo esta ha pouco submettida a ensaio no laboratorio chimico da casa da moeda, resultou conhecer-se que o mineral era o sulphureto de chumbo com mistura de outras substancias, dando pela analyse 76 por cento de chumbo «de boa qualidade, 11 por cento de enxofre, 1 por cento de prata, e 12 por cento de cal, silica e oxido de ferro.»

Por esta occasião novamente supplicamos ao nosso correspondente de Vallizelos, o Sr. J. M. G. P. se sirva de dar seguimento á noticia, que em o nosso artigo 884 encetou, de uma julgada mina de ouro na serra da *Palhassa*, e de que só nos mandou a primei-

ra amostra, que, por diminuta, não pôde dar resultado seguro ao analysador.

Desejamos igualmente que algum dos nossos leitores, vizinhos da praya de Sancta Luzia, nos participe; o que ha ácerca da mina de carvão, que n'esse logar se descobriu.

Todos estes factos qualquer que seja a sua importancia, devem ficar archivados n'este nacional registo de coisas uteis.

A INFANTICIDA.

2400 DE BRAGA escrevem aos *Pobres no Porto* que a ré Maria Joanna, criada do carcereiro, accusada de haver lançado o seu filho recém-nascido n'uma cloaca, do que veio a morrer; e cujo crime, no primeiro jury se déra por não provado como dissemos no artigo 2368 — fôra novamente julgada no dia 22 do passado e condemnada a degredo para Africa.

! Tem de idade 18 annos!

NON PLUS ULTRA.

2401 ! PODERÁ haver em mulher mais nefando crime que o de matar seu filho? Póde e ha. É o de prohibir-lhe de nascer.

A que sacrifica o fructo de seus amôres, depois de lhe haver mostrado a luz; lançou-lhe talvez com a mão delirante a agua regeneradora sobre a cabeça, e no acto, em que presumiu salvar a sua honra, proferiu porventura esta piedosa blasfemia — vôa ao céu, anjo, a implorar o perdão da tua assassina. — Mas por um acto premeditado, longo e reflectido, ir accometter o seu filho com o ferro ou com o veneno onde a natureza o tinha ainda resguardado até d'ella mesma, nas visinhanças do coração, cortar-lhe ahi as suas azas de anjo, fechar-lhe de um só golpe as portas do céu e da vida!... parece que já não pôde caber mais impiedade em mulher. ! E cabe, e ainda maior e existe! Esta ao menos, se immolou uma eternidade alheia, foi ao que a sua insensatez lhe fingiu ser a sua fama ou o seu socêgo (! que socego! ; e que fama!): — esta, ao menos, se arrancou uma eternidade a outrem e talvez a si, poz em perigo, e perigo horroroso, a sua propria existencia sobre a terra! mas que diremos de outra que não huma vez, senão muitas, não por medo ou vergonha senão por dinheiro, não com risco de sua vida ou detrimento de suas forças e saude mas com a mais vil seguridade, commette estes, não só infanticidios e matricidios, mas assassinamentos até do espirito!! Diremos que tal monstro não existe; e se existe, não ha ainda nome nem supplicio inventado para elle. Não haja embora. Mas de que existe o monstro, não nos deixa duvidar, o que n'este momento acabamos de ler no *Periodico dos Pobres no Porto* de 30 de novembro:

AÇOGUE NOVO.

«Consta-nos que nas immediações d'esta cidade existe uma parteira que tem em casa um açogue novo, «invenção do progresso. Recebe esta matrona em sua «casa mulheres gravidas, cujo parto se pertende oc- «cultar, e por meio de um instrumento lhes mata pri- «meiro as creanças, e depois por um banho de agua «morna lhes promove a extracção da victima assassi- «nada. Consta-nos que algumas d'estas mães misera- «veis tem morrido na operação, e que outras tem es-

«capado!!! Se alguma auctoridade se quizer informar, dar-lhe-hemos as informações que temos.»

A IMPRECAÇÃO PUNIDA.

2402 O SUPPOR-SE efficacia ás pragas é, philosophica e theologicamente fallando, um erro: nos Livros Sanctos apparecem ora as benções, ora as imprecações realisadas pelo êxito. Mas não devemos acreditar que umas e outras houvessem tido equal valimento para com a Divindade. As benções, como filhas que são do amor, podem ter tido e ter ainda virtude para atrairem bens, que ficão sendo o premio temporal pela Providencia outorgado ao piedoso sentimento que as dictou. Bem fazem por isso as provincias, onde ainda se conserva o patriarchal stylo de pedirem os filhos a seus paes e os paes concederem a seus filhos a benção, ao levantar, ao recolher e na hora amavel da refeição commum da familia. Não assim, as maldições; o sentimento, que as inspira e formúla, é o odio; como poderia a Providencia sancional-o? ; tornar-se instrumento passivo e cêgo do sentimento mais condemnado pelo espirito e lettra do Christianismo? Logo o que nos Livros Sanctos se figura, a leitores superficiaes ou maliciosos, execrações contra os inimigos de Deus ou do seu povo, não são (e não são em realidade) mais que prophecias, annuncios e não chamamento de males.

O costume de praguejar, aliás condemnado por todos os educadores christãos, ou só philosophos, ou só decentes, mantem-se com tudo no povo, onde talvez ficou transmittido dos pagãos, que attribuiam ás pragas maléfico influxo contra os praguejados, e alguns acasos ou coincidencias lhe dão ainda hoje seu credito, perante os espiritos mesquinhos.

Não: a praga nada mais faz do que manifestar a ignorancia grosseira, malignidade e intenção assassina de quem a solta; a opinião contraria da recebida pelos praguentos não seria mais provada que a d'elles; mas seria visivelmente menos reprovavel o suppor, que a praga poderia colher, como castigo, a seu auctor, e ressurtir do alvo contra quem a disparou; seria ainda esta uma preocupação, mas innocente e proveitosa, e que poderia em favor seu allegar outros tantos exemplos pelo menos, eguaes ao seguinte, que de *Gonjoim* nos escreve o nosso honrado e zeloso correspondente, o sr. *Bernardo Antonio Cardoso Machado*;

«No dia 17 de novembro no logar de Aricera, concelho de Armamar, Theodora, mulher já de annos, não achando hum seu lenço, e attribuindo a furto o sumiço, de cholérica e vingativa exclamou, vociferando, que *abrazada fosse a caza onde elle estava*. — Á noite foi seroar com outras em poisada alheia. Lá tão carregado somno a tomou, que, despedidas e apartadas as demais, se ficou só dormindo pela noite fóra sem quebra, até que o sol nado a recordou, e a aviou para a sua esquecida habitação; chegada já perto, no logar d'ella descobre um montão de cinzas; havendo-lhe, não se sabe como, pegado o fogo emquanto ella dormia regalada, e não sendo a tempo sentido da visinhança para se lhe acudir, as chamas tinham feito, sem que ninguem lh'a embargasse, a sua providencial execução até ao cabo. O mal agoirado lenço, averiguou-se depois que estava na propria caza mettido, sem n'o ella saber, dentro em huma sua caixa, onde perecêra com tudo mais.»